

GÊNERO TEXTUAL I
Professora RAQUEL MONTEIRO
11/04/24
ASSUNTO: CRÔNICA, ROMANCE, CONTO, TEATRO

A CRÔNICA

O GRITO

Não sei o que está acontecendo comigo, diz a paciente para o psiquiatra.

Ela sabe.

Não sei se gosto mesmo da minha namorada, diz um amigo para outro.

Ele sabe.

Não sei se quero continuar com a vida que tenho, pensamos em silêncio.

Sabemos, sim.

Sabemos tudo o que sentimos porque algo dentro de nós grita. Tentamos abafar este grito com conversas tolas, elucubrações, esoterismo, leituras dinâmicas, namoros virtuais, mas não importa o método que iremos utilizar para procurar uma verdade que se encaixe nos nossos planos: será infrutífero. A verdade já está dentro, a verdade se impõe, fala mais alto que nós, ela grita.

Sabemos se amamos ou não alguém, mesmo que esteja escrito que é um amor que não serve, que nos rejeita, um amor que não vai resultar em nada. Costumamos desviar este amor para outro amor, um amor aceitável, fácil, sereno. Podemos dar todas as provas ao mundo de que não amamos uma pessoa e amamos outra, mas sabemos, lá dentro, quem é que está no controle.

A verdade grita. Provoca febres, salta aos olhos, desenvolve úlceras. Nosso corpo é a casa da verdade, lá de dentro vêm todas as informações que passarão por uma triagem particular: algumas verdades a gente deixa sair, outras a gente aprisiona. Mas a verdade é só uma: ninguém tem dúvida sobre si mesmo.

Podemos passar anos nos dedicando a um emprego sabendo que ele não nos trará recompensa emocional. Podemos conviver com uma pessoa mesmo sabendo que ela não merece confiança. Fazemos essas escolhas por serem as mais sensatas ou práticas, mas nem sempre elas estão de acordo com os gritos de dentro, aquelas vozes

que dizem: vá por este caminho, se preferir, mas você nasceu para o caminho oposto. Até mesmo a felicidade, tão propagada, pode ser uma opção contrária ao que intimamente desejamos. Você cumpre o ritual todinho, faz tudo como o esperado, e é feliz, puxa, como é feliz. E o grito lá dentro: mas você não queria ser feliz, queria viver!

Eu não sei se teria coragem de jogar tudo para o alto.

Sabe.

Eu não sei por que sou assim.

Sabe.

MEDEIROS, M. Montanha Russa. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.

Texto 2

NO TOPO

MARIO PRATA

Diga onde seu nome está escrito e eu lhe direi quem és... Num programa a que assisti outro dia na tevê, um humorista apresentou um método bem curioso para sabermos se somos ricos, pobres ou de classe média. "Se, no trabalho, seu nome está escrito em sua blusa, você é pobre; se está escrito na sua mesa, você é de classe média; e se seu nome estiver escrito, em letras enormes, na fachada do prédio em que você trabalha, então você é rico." Faz sentido. Eu só acrescentaria algo mais à terceira definição: se seu nome estiver, em letras garrafais, na fachada do prédio, você pode ser tanto rico quanto pichador.

De uma certa maneira, todos nós queremos ver nossos nomes escritos por aí. Quanta gente não daria tudo para aparecer na televisão, participar do *Big Brother* ou ser capa da *Capricho*? Ser famoso é mais que um sonho: é uma exigência da nossa época. Cada um faz o que pode para sobressair: uns são bons no futebol, outros na Matemática, fulano é engraçado e sicrana é lindíssima. Mas se a vida, por um lado, nos apresenta uma infinidade de caminhos que podemos seguir, também nos bate muito a porta na cara. Às vezes as circunstâncias são muito mais fortes do que nossos planos. Por exemplo: se você fosse mais velha, tivesse três filhos para criar, estivesse desempregada e surgisse uma oportunidade de emprego numa fábrica de parafusos, dificilmente diria "não, obrigada, mas fazer parafusos não é a minha ambição na vida, eu quero é ser veterinária e trabalhar com periquitos". Para o pessoal que tem o nome escrito na roupa, o mundo não é esse sonho de liberdade e múltipla escolha que às vezes acreditamos ser.

Essa é uma contradição muito grande do mundo em que a gente vive. De um lado ouvimos por todo canto: faça o que você quiser! Ouse, vença, escolha seu próprio caminho! Seja original! Destaque-se! De outro, no entanto, estão todas as limitações da vida: quem tem 1,50m jamais será o rei do basquete, quem nasceu em uma favela dificilmente será diretor de uma multinacional, e se você é mais gorda do que a maioria das meninas, desculpe informar, mas não acho que modelo seja a profissão em que terá mais sucesso.

A pichação é consequência dessa contradição. Quando o garoto começa a perceber que seu futuro está muito mais para a fábrica de parafusos do que para jogador da seleção brasileira, que o único lugar em que as pessoas lerão seu nome será na etiqueta de seu macacão, resolve fazer a fama por suas próprias mãos: pega um spray de tinta e escreve seu nome no alto dos prédios. Os pichadores competem para ver quem chega mais alto, quem escreve o nome no lugar difícil.

Mas não é só entre si que eles competem. Também disputam espaço nos outdoors, com propagandas de uísque, cigarro e roupas, com bandas de música *pop*. A maioria diz: Ouse! Seja original! Apareça!

De uma certa forma, é mais ou menos isso que o pichador está fazendo: conquistando seus 15 palmos de fama das grandes cidades.

CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA

- 1) Gênero híbrido;
- 2) Em tom crítica, busca mais a reflexão do que a formulação de opiniões;
- 3) Defende explicitamente um ponto de vista;
- 4) Citação de especialistas para dar maior credibilidade às suas ideias;
- 5) Apresenta trechos narrativos e trechos opinativos que se alternam na construção das ideias;
- 6) Pode ocorrer a interlocução com o leitor;
- 7) Linguagem informal/coloquial e franca exposição das emoções;
- 8) Comum o uso da primeira pessoa;
- 9) Pode apresentar trechos narrativos;
- 10) A temática gira em torno de questões cotidianas;
- 11) O emissor parte da observação de fatos reais;

12) Pode oscilar entre certa subjetividade e teor opinativo;

13) Presença de pergunta retórica;

14) Teor impressionista.

QUESTÃO 1

Fizeram a gente acreditar

Martha Medeiros

Fizeram a gente acreditar que amor mesmo, amor pra valer, só acontece uma vez, geralmente antes dos 30 anos. Não nos contaram que amor não é acionado nem chega com hora marcada.

Fizeram a gente acreditar que cada um de nós é a metade de uma laranja, e que a vida só ganha sentido quando encontramos a outra metade. Não contaram que já nascemos inteiros, que ninguém em nossa vida merece carregar nas costas a responsabilidade de completar o que nos falta: a gente cresce através da gente mesmo. Se estivermos em boa companhia, é só mais agradável.

Fizeram a gente acreditar numa fórmula chamada “dois em um”, duas pessoas pensando igual, agindo igual, que isso era que funcionava. Não nos contaram que isso tem nome: anulação. Que só sendo indivíduos com personalidade própria é que poderemos ter uma relação saudável.

Fizeram a gente acreditar que casamento é obrigatório e que desejos fora de hora devem ser reprimidos.

Fizeram a gente acreditar que os bonitos e magros são mais amados, que os que transam pouco são caretas, que os que transam muito não são confiáveis, e que sempre haverá um chinelo velho para um pé torto. Só não disseram que existe muito mais cabeça torta do que pé torto.

Fizeram a gente acreditar que só há uma fórmula de ser feliz, a mesma para todos, e os que escapam dela estão condenados à marginalidade. Não nos contaram que estas fórmulas dão errado, frustram as pessoas, são alienantes, e que podemos tentar outras alternativas. Ah, nem contaram que ninguém vai contar. Cada um vai ter que descobrir

sozinho. E aí, quando você estiver muito apaixonado por você mesmo, vai poder ser muito feliz se apaixonar por alguém.

Antonio Candido afirma: “É curioso como elas [as crônicas] mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social”. O comentário que o crítico faz sobre o gênero *crônica*, no texto lido, é corroborado porque

- a) A anáfora torna o texto subjetivo e sentimental.
- b) A sintaxe é complexa devido ao uso de períodos longos.
- c) A linguagem é coloquial, mesmo tratando de um assunto social relevante.
- d) O texto é de denúncia social, evidenciada de forma hermética.
- e) O estilo de vista romantizado é estereotipado como ideal e singular.

O GÊNERO ROMANCE

ATENÇÃO: O CONCEITO NÃO PRESSUPÕE QUE HAJA UMA HISTÓRIA DE AMOR.

- Narrativa ficcional longa e em prosa;
- Geralmente dividido em capítulos (pode ser dividido em cartas – epistolar- ou pode ser uma espécie de monólogo);
- Enredo com muitos personagens e vários personagens;
- Gênero flexível e pressupõe diversas possibilidades narrativas;
- Técnicas possíveis: flashback, fluxo de consciência, discurso indireto livre, discurso direto;
- Pode ser caracterizado como romântico, realista, naturalista, pré-modernista, modernista, contemporâneo, gótico etc.;
- Pode apresentar denúncia social;
- Pode focar no EU;
- Pode ser intimista;
- Pode ser urbano, regionalista ou indianista);

Trecho de **Água funda**, Ruth Guimarães

(...)

- Mas o que foi?

E ele contou:

- Pois não vê que eu ia indo bem no meu ranchinho, do lado do Limoeiro...

- É mesmo: depois sumiu, não? E nós sem saber para onde.

- Sumi. Pois é. Apareceu um amaldiçoado, de que inferno não sei, e pegou a enfiar na minha cabeça que estavam abrindo estrada no sertão...

- A mesma coisa que esse um está falando...

- ... e que estavam precisando de gente. Que pagavam bem, que a Companhia garantia tudo; que não era preciso levar nem esteira; e tantas falou e tanto fez, que eu pensei: "A minha Lica já está amparada, o marido é muito bom para ela, e eu, depois que a minha velha morreu, não conto muito com a vida... arre, que leve o diabo! Eu vou". Falei pr'ele: Eu vou, moço. Fomos. Ah! Pra quê? Eu não contava muito com a vida e me contento com pouca coisa. Mas aquilo lá não é vida, é morte. E até pior do que a morte. É um ermo que espanta. Mato fechado, tudo, tanto que é preciso abrir picada com facão e foice. Arranchamos num claro e ficamos trabalhando. Mosquito, febre, calor, isso nem conto. Em qualquer lugar há isso. O pessoal é que não prestava. O patrão tinha uma ganância! figa, canhoto! nem eu que não tenho nada! Ficava no serviço, vigiando. Não dormia, ninguém via o homem comer. Tinha partes com o diabo, eu acho. E, quando a gente parava um pouco, para limpar o suor, ou beber um gole d'água, lá vinha ele: "Tenho um contrato assinado por vocês. Quem não quiser trabalhar, vai para a cadeia como vagabundo". Aquilo doía na alma. Trabalhar até não poder mais, e vir um lá gritar na cara da gente: "Vocês são uns vagabundos! Cambada de vagabundos! Não querem trabalhar, vão para a cadeia seus vagabundos!". E era assim, dia e noite.

As compras eram feitas num armazém, na cidade, a légua e meia de distância. Lá, o arroz quirera era vendido a 3\$500 o litro; o feijão a 2\$000; o toicinho a 6\$000; riscado à toa ordinário, só goma, pela hora da morte. Não havia mistura. Estava dando maleita no pessoal. Mas pior do que a maleita era ter que comprar no armazém.

- Por que não compravam em outro lugar?

- Com que dinheiro?

- Eles não pagam empregados?

- *Pagam em vales. E os vales são aceitos só lá no armazém á deles. Uma tramoia desgraçada. O que eles querem é trabalhador para trabalhar de graça. No frigar dos ovos é que a gente vê a gordura que fica. Lá não fica nada. A gente gasta o que tem e ainda fica devendo.*
- *Por que não veio embora antes?*
- *Porque não pude. (GUIMARÃES, p. 97)*

16 de junho

"Por que não te escrevo?", perguntas-me, logo tu que és tão sábio? Deverias adivinhar que me sinto bem, e até que... Curto e grosso, conheci alguém que me tocou o coração bem de perto. É... Não sei se... Contar-te, respeitando a ordem dos acontecimentos, como cheguei a conhecer uma das criaturas mais adoráveis deste mundo, seria muito difícil. Estou feliz e satisfeito, logo, incapaz de ser um bom historiador. Um anjo! Arre! Mas isso qualquer um diz da sua, não é verdade? De qualquer forma, não sou capaz de dizer o quanto ela é perfeita, nem de onde vem sua perfeição. Basta dizer que ela dominou completamente o meu ser. Tanta candura com tanto espírito, tanta bondade com tanta firmeza! E paz de alma em meio a tanta vida real e tanta atividade! Tudo o que aqui digo a respeito dela não passa de palavreado inútil, vaga abstração, que não expressa sequer um só dos traços de seu semblante. Em outra ocasião, talvez... Não, nada de outra ocasião, vou contar-te tudo agora mesmo. Se não o fizer agora, nunca mais será feito. Pois, cá entre nós, desde que comecei a escrever esta carta, por três vezes estive a ponto de deitar a pena e mandar arrear o cavalo para sair. Isso que jurei para mim mesmo hoje cedo não cavalgar até lá, mas a cada pouco me aproximo da janela a ver se o sol ainda vai alto... Não pude resistir, tive de ir até ela. E aqui estou de novo, Guilherme, para comer meu pão com manteiga de todas as noites e seguir te escrevendo. Que deleite para a minha alma contemplá-la em meio a seus oito queridos e amáveis irmãozinhos! Mas se continuo desse jeito, no fim estarás tão alheio a tudo quanto no início. Ouve, então, que vou me forçar aos pormenores. Há dias te escrevi que havia travado relações com o bailio S..., e de como ele me convidou a ir visitá-lo em seu eremitério ou, muito antes, em seu pequeno reino. Fui adiando a visita e talvez jamais fosse para lá, não tivesse o acaso me descoberto o tesouro que repousa escondido naquele retiro tranquilo. Os rapazes de nossa aldeia haviam organizado um baile no campo, no qual de bom grado aceitei tomar parte. Ofereci o braço a uma boa e afável moça das redondezas. Era bela, ainda que não tivesse nada de extraordinário, e ficou combinado que eu pegaria um coche, e acompanharia meu par de dança e sua prima ao lugar onde aconteceria a festa, levando junto Carlota S..., a quem encontraríamos no caminho. "Conhecereis uma bela moça", disse-me minha acompanhante, quando atravessávamos a larga floresta desmatada em direção ao pavilhão de caça. "Ficai atento, e não vos apaixoneis por ela", acrescentou a prima. "Mas por quê?", perguntei. "Já está destinada", respondeu, "a um galante rapaz, a

quem a morte do pai obrigou a viajar para pôr em ordem seus negócios e tomar posse de uma herança bastante significativa.” O informe deixou-me quase indiferente.

(...)

Apeei do coche, e uma criada chegou ao portão pedindo-nos que esperássemos um instante. A senhorita Carlota viria logo (...)

Como eu me deleitava na contemplação de seus negros olhos durante esta conversa! Como seus lábios vermelhos e suas faces frescas e vivas cativavam minha alma inteira! Como, mergulhado no som esplendoroso de sua fala, às vezes nem sequer ouvia as palavras que ela proferia! Poderás ter ideia disso, tu que me conheces. Resumindo, quando paramos em frente à casa onde sucederia a festa, desci do coche como se estivesse sonhando... E tão perdido em sonhos eu estava no mundo crepuscular à minha volta, que mal percebia a música que chegava do salão iluminado ao nosso encontro.

(Os sofrimentos do jovem Werther, Goethe)

O CONTO

- Texto curto;
- Narrativa que apresenta: tempo, espaço, enredo, personagens, narrador, conflito, clímax;
- Pode ser um conto de mistério, de amor, de aventura, detetivesco, gótico, social, etc.
- Pode apresentar teor psicológico.

Frederico Paciência

Mário de Andrade

Frederico Paciência... Foi no ginásio... Éramos de idade parecida, ele pouco mais velho que eu, quatorze anos.

Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabelos pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava.

Senti logo uma simpatia deslumbrada por Frederico Paciência, me aproximei franco dele, imaginando que era apenas por simpatia. Mas se ligo a existência com que ficava junto dele a outros atos espontâneos que sempre tive até chegar na força do homem, acho que se tratava dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fez com que eu me adornasse de bem pelas pessoas com quem vivo. Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. Ora, em mim sucede que a inveja não consegue se resolver em ódio, nem mesmo em animosidade: produz mas uma competência divertida, esportiva, que me leva à imitação. Tive ânsias de imitar Frederico Paciência. Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos.

(...)

Diante de uma amizade assim tão agressiva, não faltavam bocas de serpentes. Frederico Paciência, quando a indireta do gracejo foi tão clara que era impossível não perceber o que

pensavam de nós abriu os maiores olhos que lhe vi. Veio uma palidez de crime e ele cegou. Agarrou o ofensor pelo gasnete e o dobrou nas mãos inflexíveis. Eu impassível, assuntado. Foi um custo livrar o canalha. Forcejavam pra soltar o rapaz daquelas mãos endurecidas numa fatalidade estertorante. Eu estava com medo, de assombro. Falavam com Frederico Paciência, o sacudiam, davam nele, mas ele quem disse acordar! Só os padres que acorreram com o alarido e um bedel atleta conseguiram apartar os dois. O canalha caiu desacordado no chão. Frederico Paciência só grunhia “Ele me ofendeu”, “Ele me ofendeu”.

(...)

Agora falávamos insistentemente de nossa “amizade eterna”, projeto de nos vermos diariamente a vida inteira, juramentos de um fechar os olhos do que morresse primeiro (...)
(Mário de Andrade, 1942)

O TEATRO

→ Faz parte do gênero dramático;

→ Não apresenta narrador;

→ Pode ser apresentado por meio da comédia, da tragédia, da comédia de costumes, da farsa, do auto;

→ No teatro contemporâneo, pode haver um sincretismo de conceitos. No caso da Farsa trágica, por exemplo, os momentos são risíveis devido ao cotidiano, que provoca o rebaixamento das personagens, pela intensificação do grotesco e pela linguagem coloquial, ainda que, em sua constituição geral, o texto carregue um sentimento trágico;

→ Também conhecidas como didascálias, as rubricas são indicações cênicas que servem para orientar o ator durante a encenação de um texto. Aparecem destacadas, geralmente, entre parênteses e, junto ao discurso direto, compõem os conteúdos de um texto dramático.

Madame Crisálida – Quem é?

Zulmira – Por obséquio. Eu queria falar com Madame Crisálida.

Madame Crisálida – Consulta?

Zulmira – Sim.

Madame Crisálida -Da parte de quem?

Zulmira – De uma moça assim, assim, que esteve aqui outro dia.

(Madame, sempre acompanhada pelo garoto de dedo no nariz, abre a porta, a princípio, imaginária) Madame Crisálida – Sou eu. Vamos entrar.

(Zulmira entra, fechando o guarda-chuva.) Zulmira – Com licença.

(Madame suspira.) Madame Crisálida – É preciso estar de olho. A polícia não é sopa.

Zulmira – Ora!

(Madame começa a embaralhar as cartas ensebadas.) Madame Crisálida – Quem tem criança, sabe como é!

Zulmira – Natural!

Madame Crisálida – E as minhas são de arder!

(Barulho de criança. Madame ergue-se. Vai ao fundo da cena.) Madame Crisálida – Pintam o sete!

(Madame ergue-se outra vez.) Madame Crisálida – Deixei o aipim no fogo. Com licença.

Zulmira – Pois não.

(Madame berra para dentro.) Madame Crisálida – Vê essa panela, aí, Fulana!

(Madame senta-se, manipulando o baralho.) Madame Crisálida – Pronto.

(A Falecida, Nelson Rodrigues)